

**ARTIGOS**



# O Território como lugar de hospitalidade

*The territory as a hospitality place*

**Manoela Carrillo Valduga<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup>Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007), graduação em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2002) e mestrado em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul (2007). Atualmente é doutoranda em Turismo na Universidade de Aveiro, em Portugal. É professora assistente da Universidade Federal Fluminense. [manuelavalduga@hotmail.com](mailto:manuelavalduga@hotmail.com)

### **Resumo**

O objetivo do presente artigo, de cunho qualitativo e exploratório, é argumentar acerca da relevância da presença da hospitalidade nos territórios turísticos e o papel que a identidade exerce nesse contexto. Como procedimento metodológico, utilizou-se a pesquisa bibliográfica. Ao intercalar os conceitos de território turístico, identidade e hospitalidade, é evidenciada a relação intrínseca existente entre eles e a relevância da presença da hospitalidade nos territórios turísticos para o bem-estar do próprio turismo e todos os agentes sociais que dele fazem parte.

**Palavras-chave:** Hospitalidade. Turismo. Território Turístico. Identidade.

### **Abstract**

The aim of this article, qualitative and exploratory approach, is to argue about the relevance of the hospitality in tourist areas and the role that identity plays in this context. As methodological procedure, we used the literature review. Popping up the concepts of touristic territory, identity and hospitality, It's evidence the existing intrinsic relationship between them and the relevance of the presence of hospitality in tourist areas for the tourism own welfare and all social agents who are part of it is highlighted.

**Keywords:** Hospitality. Tourism. Touristic Territory. Identity.

## **1. INTRODUÇÃO**

Ao conceito de hospitalidade são atribuídas diversas versões, sendo algumas complementares e outras divergentes. O termo pode ser empregado, sobretudo e simplificadamente, com dois sentidos diferentes. O primeiro deles refere-se a um fenômeno social de trocas simbólicas e o segundo é empregado como sinônimo de gestão hoteleira.

A polissemia presente no emprego do termo hospitalidade, por si só, já gera discussão pela aparente ambigüidade. No entanto, pode-se tomar como o grande desafio, no campo do turismo, desvelar as possibilidades de tornar o fenômeno social da hospitalidade presente nos territórios turísticos. O presente artigo versa sobre a importância da expressão da hospitalidade no território turístico para o bem estar da comunidade local e para a boa experiência dos turistas, levando em consideração a relevância da identidade na formação de ambos: do território e da hospitalidade.

No presente estudo, a hospitalidade será considerada um fenômeno social e qualidade presente nos territórios turísticos. A problemática que o motivou advém da relação entre a avaliação da hospitalidade por parte dos turistas estrangeiros no Brasil. Em pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), a pedido do Ministério do Turismo, em 2012, a Hospitalidade foi apontada como o item mais bem avaliado do país. A mesma pesquisa foi realizada junto à demanda turística internacional durante o Campeonato Mundial da FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*), em 2014, e o resultado foi igual. Mesmo o estudo tendo o

Brasil como ponto de partida, as reflexões que por ventura daqui surgirem podem ser conceitualmente universalizadas.

Assim, o presente estudo, de cunho exploratório, busca, a partir do uso da metodologia baseada em revisão de literatura sobre os conceitos de território turístico e hospitalidade, comprovar a relevância da presença da hospitalidade nos territórios turísticos para o bem-estar do próprio turismo e todos os agentes sociais que dele fazem parte.

Para a comprovação da relevância da presença da hospitalidade nos territórios turísticos, mais vale insistir na argumentação. Para a comprovação de objetos mensuráveis, basta contar, medir ou pesar as variáveis para resolver a questão proposta. “Estes diferendos nem se prolongam nem se agravam, a não ser quando nos faltam esses processos de medida (...)” (Platão, *Euthyfron*, 7 b-d *cited in* Moreau, 1963). Pode-se deduzir, desta passagem, que nos casos de subjetividade há discutibilidade e, então, lugar para a argumentação.

A seguir, o presente artigo apresentará os conceitos indicados, iniciando pela apresentação do conceito de de território turístico, de identidade e por fim, o de hospitalidade. Ao final do estudo, buscar-se-á correlacionar os conceitos na argumentação à favor da hipótese inicial da relevância da presença da hospitalidade nos territórios turísticos, usando a identidade como elo entre ambos.

## **2. TERRITÓRIO TURÍSTICO**

Para Humbelino (2014), na atualidade, o fato de a maioria das populações ocuparem territórios urbanos faz com que ocorra uma fuga dos mesmos, para a fruição do lazer, abrindo espaço para o turismo de natureza, turismo rural, etc... Entretanto, a primazia do tempo de trabalho na sociedade faz com que, majoritariamente, as atividades de lazer ocorram no espaço doméstico e suas proximidades ou espaços de reprodução do mesmo, ou ainda, espaços de consumo. Os dados da OMT (2014) também reiteram que, mesmo com a facilidade de transporte, os principais países emissores de turistas estrangeiros pelo globo continuam sendo os limitrofes.

No campo do turismo, como um dos possíveis exemplos entre tantos outros, pode-se dizer que a globalização afetou de forma direta a expansão do setor hoteleiro a partir das chamadas “cadeias” ou “redes” de Hotéis, que foi consolidada nos anos de 1970. Observou-se uma reprodução de padrões de serviços e de operações dos países sedes das empresas, geralmente os considerados desenvolvidos, nos países considerados subdesenvolvidos. Se tal fato, por um lado, levou novas tecnologias a certos lugares que antes não as conheciam, por outro, levou à falência de muitos

estabelecimentos hoteleiros locais que não tinham o aporte financeiro das grandes redes. Com o tempo, os próprios hotéis independentes restantes passaram a se organizar em redes informais para diminuir custos, principalmente em relação aos forcedores. (Proserpio, 2007).

O destaque que deve ser dado às mudanças acima relatadas é em relação ao que não deu certo na tentativa de “padronização”. Os colaboradores locais não tinham formação social, familiar ou mesmo formal para absorver certos comportamentos no campo comercial (Lashey, 2004), e nem mesmo os turistas queriam ser atendidos com padrões anglo-saxões em países tropicais. Os restaurantes estilo “*buffet* internacional” que foram instalados nos hotéis entre os anos 1970 e 1990 foram substituídos nos anos 2000 por estabelecimentos com ementas que continham pratos e ingredientes locais. (Campos, 2005).

A ampliação da locomoção dos sujeitos trás a tona também a questão da hospitalidade, não apenas em relação aos turistas, mas a todos os considerados estrangeiros, e mesmo a questão da identidade, aqui, sobretudo, no sentido de universalizar ou relativizar os valores da acolhida. (Bakes, 2009).

Em alguns casos, como o turismo de aventura e suas trilhas, o território é determinante para o seu desenvolvimento, em outros, pode ser oportuno, como o golfismo ou turismo cultural, este último tendendo à questão imaterial da formação do território.

Como interligação entre turismo (lazer) e território, há ainda o próprio deslocamento, que pode ser facilitado ou dificultado pelo território, tanto em relação à distância quanto em relação ao tempo para percorrê-la. Por fim, mas não menos importante, há questões territoriais de infraestrutura que demandam uma certa multifuncionalidade dos territórios (Humbelino, 2014) na medida em que devem acolher os fluxos turísticos e também servirem aos que ali vivem e trabalham.

No fenômeno turístico, podem-se identificar os fluxos do território como os próprios turistas, e os fixos como os componentes da oferta turística. O lugar turístico é considerado onde se dá a materialização da prática turística, onde os fixos e os fluxos coexistem. (Fratucci, 2000). As formas fixas da oferta turística são os atrativos naturais e culturais, os equipamentos e serviços, como meios de hospedagem, agência de viagens, entretenimento, a infraestrutura de apoio, como os transportes, saúde, segurança, entre outros.

Knafou (1996, cited in Fratucci, 2000), sugere a possibilidade de três tipos de relações entre turismo e território, quais sejam: i. A existência de território sem turismo, ii. A existência de um turismo sem território e, por fim, iii. A existência dos chamados territórios turísticos, determinados pelos turistas,

que os inventam ou os produzem, com intervenção em maior ou menor grau dos operadores e planejadores turísticos. Fratucci (2000, p.132) conclui que “desse modo, o lugar turístico passa a existir enquanto um espaço relacional turista-habitante, sendo efêmero para o primeiro e permanente para o segundo.”.

Ao valer-se do território e do patrimônio, causando alterações intensas em ambos, deve-se realçar a atenção ao fenômeno turístico que, muitas vezes, é concebido pelos governos e empresários como um eficiente meio para aceder ao desenvolvimento econômico e social e melhorar as condições de vida da população local. (Bravo 2014). Na região de Castilha e León, na Espanha, fronteira com Portugal, Mínguez (2015) relata que as características geográficas (de fronteira, a distância do centro político e geomorfológicas) imputaram ao local a condição de periférico, “atrasado” ou subdesenvolvido. Entretanto, o patrimônio cultral e a própria paisagem do território foram aproveitados pelo turismo, auxiliando na preservação de certos costumes locais, bem como de alguns dialetos.

A região conta com *Siega Verde* considerada patrimônio cultural de grande valor pré-histórico reconhecido como Património Mundial pela UNESCO, em primeiro de agosto de 2010. De acordo com Mínguez (2015), o patrimônio territorial tem orientado a ação dos setores público e privado para o ecoturismo em reservas naturais, turismo cultural e turismo ativo, utilizando recursos até então esquecidos e desvalorizados, o que o autor considera a criação de uma oferta inovadora. Para além das tradicionais trilhas em áreas naturais e educação ambiental, o surgimento da infraestrutura e de negócios que o fluxo turístico ocasionou retroagiu promovendo o turismo geológico, turismo de saúde e spas, turismo ornitológico, de observação de animais selvagens e turismo fluvial. Por fim, o autor aponta que uma região considerada com “desvantagem geográfica”, conhecida como *raya*, aproveitou as características territoriais para se transformar em um promissor destino turístico de fronteiras.

No caso do México, Bravo (2014) destaca a importância da estreita relação entre o turismo, o território e o patrimônio cultural, este último entendido como uma construção histórica e social que envolve a apropriação coletiva de um conjunto de ruínas e de produtos do passado - ou uma valorização seletiva destes – criando um sentido de pertencimento e uma identidade ligada a este patrimônio, ou seja, gera uma herança cultural fortemente territorializada. Tais afirmações podem ser verificadas na representação dessa identidade, na medida em que é bem compartilhada no seio de uma sociedade em particular e também em como a expressão de uma determinada comunidade

conduz à naturalização da cultura, resultado de uma escolha de um dado território como terra natal ou território nativo.

Ao estudar a formação da sociedade turística na região conhecida como Serra Gaúcha, no Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil, Valduga (2007) observou que moradores oriundos de outros estados do país absorviam rapidamente a identidade local, mesmo de cunho étnico, em consequência da valorização turística da mesma. Ou seja, a valorização da etnicidade aplicada na atração de turistas acaba por influenciar a absorção da mesma pela população migrante no local.

Direcionando o olhar para o lado ocidental do mundo, pela própria história de dominação ora ocidental, ora oriental, Hong Kong torna-se um campo fértil para a reflexão da identidade territorial. Para os autores Zhang, Decosta e McKercher (2015), Hong Kong explora seu passado colonial para criar uma identidade que realça os “chineses locais” com um sabor ocidental e posiciona o território para assumir uma identidade cada vez mais híbrida evitando ser apenas mais uma cidade chinesa. Para chegar a tal conclusão, os autores analisaram o material promocional turístico da cidade, tanto impressos como de websites, e realizaram entrevistas com gestores da área do turismo. O material reflete o patrimônio cultural material e imaterial de Hong Kong, incluindo setenta atrativos e atividades turísticas, incluindo produtos tradicionais, o patrimônio urbano (edificações), museus, templos, festivais, passeios e outras atividades. O estudo demonstrou que a situação geo-política e histórica única de Hong Kong levou à criação de quatro tipos de mitos nacionais promovido pelo Convention & Visitors Bureau local, relacionados à criação da identidade singular do local, que são i. O mito “China Arcaica”, “Honk Kong Movimentada”, “Mais China” e “República Popular da China Contemporânea”. Em conjunto, estes mitos permitem que as autoridades de turismo usem a singularidade de Hong Kong como um poderoso criador do híbrido “social conhecimento” ou “verdades”, para reforçar o apelo turístico da cidade.

Em outro estudo realizado no México, na cidade de Izamal, estado de Yucatan, Alvarado-Sizzo (2015) apresenta em seus estudos a metodologia chamada estrutura territorial do turismo (TST, da sigla em inglês de *territorial structure of tourism*). Tal metodologia considera o já exposto sobre o conceito de território no que concerne a considerar a configuração integrada do território por nós, interligados por canais – ou as linhas (Raffestin 1993) - que permitem a circulação dos fluxos. Há também a metodologia chamada Processos Territoriais (TP, da sigla em inglês *Territorial Processes*), que foca na análise da evolução histórica dos espaços turísticos. Para a autora, na primeira abordagem há destaque para a dimensão material espacial enquanto a segunda analisa o componente imaterial.

Tanto a TST quanto a TP integram a proposta de análise denominada organização territorial do turismo (TTO, da sigla em inglês *Tourism Territorial Organization*), que objetiva revelar as ligações entre o turismo e o território dentro de uma perspectiva do local para o global (ou de dentro para fora). Além disso, a abordagem pode ser aplicada em diferentes escalas que vão desde pequenos locais, regiões ou mesmo países inteiros.

Frente o até aqui exposto, é notável a inter-relação entre o território, o turismo e a identidade, sendo esta última o tema do próximo tópico.

### 3. IDENTIDADE

Para Canclini (1997: pg. 139), identidade é uma construção imaginada. “A identidade é uma construção que se narra”. É poliglota, multi-étnica, migrante, mescla elementos de diferentes culturas, é teatro, é política, é representação e ação. Para Featherstone (1997), o mundo pós-moderno comporta múltiplas identidades (de gênero, de etnia, de gastronomia). Castells (1999) define identidade como fonte de significado e experiência de um povo. Uma diferenciação construída entre “nós” e os “outros” baseada em atributos culturais. Para Hall (2005), na pós-modernidade, ela é definida historicamente, mutante, cambiante, múltipla, temporária.

Para Castells (1999: p.22), “identidade é o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significados”.

Para o autor, os papéis sociais são normas estruturadas pelas instituições e organizações sociais. Correspondem a “função” dos indivíduos dentro da sociedade, instituída pelas organizações sociais, sejam governamentais ou civis, como por exemplo, o estado, a igreja ou a família, o que é diferente da identidade, que tem como prerrogativa do sentimento de pertencimento a um significante a interiorização individual deste significante. Ao mesmo tempo em que a identidade é resultante de um processo de individuação, é processo de resistência comunal, porque é construída a partir dos símbolos comuns à sociedade, mas não impostos pelas instituições.

Ainda para Castells (1999), do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. O que conforma a construção de identidade é a história, a geografia, a biologia, as instituições produtivas e reprodutivas, a memória coletiva, as fantasias pessoais e os aparatos de poder. O autor

coloca três formas e origens de construção de identidades, quais sejam a legitimadora, a de resistência e a de projeto.

Segundo Hall (2005), as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado, dando início a assim chamada “crise de identidade”. Para o autor, “as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentas”. (HALL, 2005:8)

Aponta que as diferentes mudanças de ordem estrutural transformaram as sociedades modernas no final do século XX e estão fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, forneciam sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando as identidades pessoais, abalando a idéia individual de sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 2005:9)

Hall (2005) apresenta três concepções de identidade, a partir da concepção do sujeito do iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo está baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado de razão, de consciência e de ação. É uma concepção “individualista” do sujeito e de sua identidade, que também é masculina. A concepção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos -a cultura- dos mundos que ele/ela habitava. É uma concepção “interativa” da identidade entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda é o “eu real”, mas é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. Nessa concepção, a identidade preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”, entre o mundo pessoal e o mundo público. A identidade costura o sujeito à estrutura. A mudança apresentada nesta concepção é de que o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado. Não é mais composto de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume

identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ocorre um confronto entre o sujeito e uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, cada uma das quais passíveis de serem absorvidas pelos sujeitos, ao menos temporariamente.

As abordagens acerca da construção de identidades na pós-modernidade apontam para uma resistência das culturas locais, uma manutenção das tradições, em um contraponto à transposição dos tempos e espaços permitida a partir da tecnologia iniciada na modernidade e disparada na pós-modernidade, que trouxe como consequências o acesso irrestrito a diferentes culturas e modos de vida. No entanto, este contraponto não é de oposição binária, mas sim sustentado por uma relação diacrônica, onde as velhas tradições são retomadas sob as novas possibilidades culturais globais.

#### **4. HOSPITALIDADE**

Retomando a questão apresentada na introdução deste estudo, onde se pressupõe que toda prática turística requer deslocamento, e que a chegada dos sujeitos em territórios que não os seus (de morada ou de frequência) requer práticas de hospitalidade (ou hostilidade, em muitos casos), tem-se a hospitalidade como um complexo campo de estudo em debate na arena acadêmica turística.

Entretanto, sem contrariar a reflexão anterior, há de se ressaltar que o entedimento da hospitalidade transcende o território, ou mesmo o sujeito em deslocamento, que está fora de seu habitat comum. “Entramos, aqui, na relação a uma dimensão pesada, na definição do mesmo e do outro: a dimensão do lugar, como território ou como cultura – mesmo como linguagem”. (Duque, 2014, p 151). A citação leva à reflexão de que há mais sobre o sujeito que chega (à cidade, a casa, ao encontro fortuito) do que aquilo que o identifica, no sentido da mesmidade da identidade, do lugar de onde ele é ou veio ou de sua condição de cidadão.

Camargo (2004, p. 09) pode ser considerado o autor brasileiro que inaugura a discussão acadêmica da hospitalidade no país. O autor relata sentir “pela primeira vez o apelo do termo”, no ano de 1997. Para o autor, a globalização foi o fator que levou à tona a discussão sobre a hospitalidade. Para Dikeç, Clark e Barnett (2009), o tema da hospitalidade reacende na área das ciências humanas e sociais na medida em que compartilham a preocupação com as questões de comunidade, de identidade e de pertencimento que tomam relevo no estilo de vida globalizado.

Tal estado de vida pode ser desfrutado por alguns sujeitos, na medida em que “experimentam os benefícios da alta conectividade e fácil mobilidade, enquanto outros permanecem presos ou coagidos (ou ambos) em políticas econômicas desastrosas e pressões políticas” (Dikeç, Clark e Barnett, 2009, p.02).

Camargo (2004) define hospitalidade de acordo com a corrente francesa de estudos como uma dádiva, que faz parte de um processo que compreende três momentos: dar, receber e retribuir, sem considerar a hospitalidade comercial. Reproduzindo estudos de Mauss em “Ensaio sobre a dádiva e o dom”, o autor caracteriza a hospitalidade como o ritual básico do vínculo humano, uma virtude, que, segundo o autor, está se perdendo no contexto comercial, e as verdadeiras virtudes da hospitalidade devem ser resgatadas.

Com uma visão crítica, Dikeç, Clark e Barnett (2009, p. 02) surpreendem-se com a forma como os estudos da hospitalidade estão lidando com ela: “uma temática antiga e um pouco mofada de cunho teológico e filosófico que chega a nós tingida de piedade e associações a outro mundo”, focando no debate sobre a imigração, o multiculturalismo e a cidadania pós-nacional.

Lashley (2004) utiliza as categorias privado, social e comercial para tratar dos domínios da hospitalidade, conceitos similares aos da abordagem que Camargo (2004), que os estuda, propõe. A hospitalidade privada não pode ser confundida com a doméstica, pois não se restringe ao lar, embora o abarque. Diz respeito à condição de hóspede e anfitrião, em muitos casos situando os sujeitos sobre como devem atuar na sociedade quanto às práticas de hospitalidade. A preocupação com os estudos da hospitalidade social está em desvelar como as relações de acolhida, traduzidas em dever, moral, valor social ou forma privada de comportamento se dão historicamente nas diferentes sociedades. O autor considera os ambientes comerciais como espaços que reproduzem os valores sociais da hospitalidade.

Mesmo em domínios comerciais, existirão espaços onde as práticas de hospitalidade serão privadas (a unidade habitacional), ou sociais (o bar, o restaurante, o *lobby*).

Cabe ressaltar que o campo de estudos da hospitalidade comercial apresentado por Camargo (2004) não se refere à corrente americana de estudos da hospitalidade. O autor busca inserir o interesse pelo estudo das práticas de hospitalidade em ambientes comerciais, o que difere de sinonimizar hospitalidade à hotelaria.

Revisitando sua tese sobre a hospitalidade, Camargo (2015) apresenta as categorias de relação humana, virtude, ritual e troca para analisar a hospitalidade, entretanto, na explicação de cada uma

das novas categorias apresentadas, encontram-se as referências anteriormente propostas de “ver” a hospitalidade nos campos doméstico, público, comercial e virtual.

Beni (2006, p. 208) resolve a relação entre os diferentes campos de estudos da hospitalidade aceitando eu emprego em diferentes contextos: “Desde a hospitalidade familiar, a da esfera do Estado (legislação sobre estrangeiros), passando pela hospitalidade “comercial”, que escapa à regra da gratuidade e da reciprocidade, até um novo lugar urbano ou rural de hospitalidade”.

Já para Baptista (2002), as trocas humanas que forem caracterizadas por alguma mediação financeira não podem ser consideradas processos de hospitalidade. A autora, que tem em Emmanuel Lévinas e Jacques Derrida a base de seu pensamento, considera a hospitalidade uma competência prática capaz de promover a aproximação humana, em diferentes contextos onde ocorra sociabilidade, sejam eles públicos ou privados.

A hospitalidade é considerada, por Boff (2005), como uma das virtudes necessárias para a construção de outro mundo possível, a partir do resgate do respeito, da tolerância, da convivência, da comensalidade e da própria hospitalidade.

O autor não expõe preocupação em estabelecer domínios da hospitalidade, tal como Camargo (2004), Beni (2006) ou Lashley (2004). O turismo também não é seu objeto de estudos. Acredita-se que o autor emprega o sentido da hospitalidade a ser apropriado pelo turismo, promovendo a comunhão entre os sujeitos e entre os sujeitos e o espaço onde vivem.

Para o autor, à luz de Derridá, o resgate do outro é a base para a hospitalidade. A ética mínima pressupõe a acolhida do outro como outro, o respeito por sua singularidade. Pressupõe disposição para uma aliança duradoura com fundamentos no que seja correto e constante, permanecendo sólida e inquebrável, superando toda adversidade.

Para Boff, “ela [a hospitalidade] é um dever que todos devem praticar e é um direito que todos devem gozar” (2005, p. 110). Para tanto, deve haver a boa vontade incondicional, entendida como o único bem que é somente bom e a o qual não cabe nenhuma restrição. Deve-se acolher generosamente, é preciso escutar atentamente, pois o ato de ouvir exige uma transferência de posição em relação ao próximo. Urge o diálogo franco, entrar em reciprocidade e intercambiar, conceber a Terra como um mosaico. Os sujeitos precisam aprender a negociar honestamente, assumindo compromissos que visem o bem comum. Devem renunciar desinteressadamente, tendo a capacidade de priorizar o que é realmente importante para todos. É necessário responsabilizar-se conscientemente. Abandonar antigos obstáculos pessoais em benefício do bem comum. Relativizar

corajosamente significa entender os valores do outro, sem ter os próprios como únicos e absolutos. Por fim, o autor orienta a transfigurar inteligentemente, pois considera o *homo demens*, portador de dimensões de agressividade, porém com a capacidade de transfigurá-las.

Em uma tentativa de sintetizar o entendimento de Boff (2005) da hospitalidade, pode-se afirmar que sua idéia principia com uma analogia à natureza. O autor afirma que os homens deveriam se espelhar na forma como a natureza surge, desenvolve-se e sobrevive, que é a partir das trocas entre os diferentes, a partir da diversidade.

Entende-se ainda a hospitalidade como “uma das leis superiores da humanidade e uma lei universal. Acolher é permitir, sob certas condições, a inclusão do outro no próprio espaço”. (Grinover, 2007, p.32). Não ocorre sozinha ou apenas por uma parte. É um processo de troca, que depende de ambos os lados: daquele que recebe e daquele que é recebido. (Gotman, A. 2011).

Pressupõe-se a intenção do turista em usufruir proveitosamente o espaço e as relações sociais que nele ocorrem (Crouch, 2004; Urry 2002), bem como a preocupação dos gestores com a promoção da hospitalidade nos espaços turísticos (Morrison, 2012).

Grinover (2007, p. 2) aplica a noção de hospitalidade à relação estabelecida entre o espaço físico das cidades e seus habitantes entendendo que: “A hospitalidade pelo dom do conhecimento é um modo de garantir o princípio da heterogeneidade da cidade, e, sobretudo a riqueza de sua diversidade social”. A acessibilidade pode ser percebida por dois aspectos, sendo o primeiro deles referente aos aspectos físicos da acessibilidade e o segundo referente aos aspectos socioeconômicos. Os aspectos físicos englobam a malha viária, a oferta de transporte, etc. Os aspectos socioeconômicos aludem ao acesso aos diversos serviços públicos de direito dos cidadãos, como a saúde, a educação, a informação, a segurança, o saneamento básico, os espaços de habitação, o lazer, entre outros.

A legibilidade diz respeito à qualidade visual de uma cidade. Em referência à semiótica, é a forma de perceber, ler e interpretar um lugar. A forma como o local é interpretado facilita a orientação do sujeito no espaço. Seria a qualidade de um local em ser transposto a um mapa mental e facilmente compreendido. A noção de legibilidade de Grinover (2007) pode ser complementada pelo entendimento do ambiente comportamental como uma simplificação que o turista faz do espaço que lhe é estranho para que possa melhor compreendê-lo (Walmsley, 2004).

A identidade das cidades é construída a partir das matérias-primas, processadas pelos indivíduos, por grupos sociais e sociedades que reorganizam seus significados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo e de espaço. As matérias primas são formadas pela história, geografia, regimes

políticos, eventos, entre outros. As identidades nacionais, ou mesmo regionais, representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias e pertencimento. (Grinover, 2007).

É fato que há diferentes olhares lançados à hospitalidade na contemporaneidade. Santos (2014, p. 13-14) corrobora tal assertiva ao explicar que “(...) tem-se a hospitalidade constituindo-se em objeto de estudo sob múltiplas lentes analíticas, as quais, no entanto, longe de serem excludentes, apenas traduzem o intrincado de duas múltiplas dimensões e a riqueza interpretativa a que ela conduz”.

Apesar das múltiplas abordagens da hospitalidade, ao longo da história da humanidade, pode-se observar a prática de acolher o outro. Ou seja, pode não haver acordo ou consenso epistemológico sobre o tema, mas não se pode negar a sua existência. Já Dikeç, Clark e Barnett (2009) observam que os estudos da hospitalidade tendem para um esforço da filosofia continental em realizar pesquisa empírica nas ciências humanas e sociais, prática oportunizada frente à concretude da relevância do discurso do Outro na contemporaneidade.

Para Backer (2009), o estudo da hospitalidade está ligado a uma tradição cosmopolita e seu pensamento sobre o estranho (ou estrangeiro), limitado ao campo doméstico onde o hóspede é soberano.

A acolhida ao Outro pode ser entendida, primeiramente, como a construção de uma “experiência de descentração”. Para Gonçalves e Souza (2014, p. 163-164) “A hospitalidade exige ser configurada como uma experiência relacional de doação de contornos éticos e aberta à novidade, ao imprevisto, ao “mistério” do Outro e a desmesura que excede o encontro com esse Outro”. Acolher ao estrangeiro é questão proeminente nos estudos da hospitalidade, tanto de forma literal como simbólica. Boff (2005) lembra a falta de hospitalidade oriunda das práticas da sociedade industrial de massa, pluralista e de grande mobilidade, mas que exclui os outros que não são considerados úteis ou produtivos. O estrangeiro é o outro estranho:

A estranheza pode advir pelo comportamento diferente da pessoa, por pertencer a uma etnia ausente naquela sociedade, por falar uma língua estranha, por apresentar ideias ou visões de mundo incomum para aquele grupo cultural (Boff, 2005, p. 124).

Como representante de outra cultura, o estrangeiro prescinde de abertura para ser acolhido. Quem o acolhe deve ter coragem de superar e enfrentar o desconhecido, que lhe causa desconfiança, medo e até mesmo repulsa. Baptista (2005) advoga que a abertura, a recepção e o acolhimento ao estrangeiro requerem exposição e risco e acarreta em fecundidade. O estrangeiro, para a autora, é o sujeito fora do eu, o outro, e dessa relação entre o eu e o outro surgem as construções identitárias.

O extraordinário desse acontecimento humano que é a relação interpessoal reside no fato de o lugar de interrupção constituir, simultaneamente, o núcleo de vinculação ao outro ser; ou seja, o ponto de ruptura funciona, ao mesmo tempo, como ponto de ligação, como espaço privilegiado para a emergência dos laços de proximidade. (Batista, 2005, p. 15).

No momento em que o sujeito se abre ao outro, o recebe e o acolhe, aceitando o risco de exposição de si mesmo ao outro, ele rompe com seu universo interior e estabelece uma relação com o outro, desenhando assim uma geografia da hospitalidade humana pela experiência da descentração. A questão que suscitaria o estudo da hospitalidade seria - por si só - o estrangeiro:

A questão da hospitalidade começa aqui: devemos pedir ao es-trangeiro que nos compreenda, que fale nossa língua, em todos os sentidos do termo, em todas as extensões possíveis, antes e a fim de poder acolhê-lo entre nós? (Derrida, 2003, p. 15).

Na relação de acolhimento ao Outro, pode-se pensar também a relação inter-humana, em última instância, como a relação entre dois estrangeiros, na medida em que ambos são desconhecidos um ao outro. Dessa forma, subverter-se-ia a relação do território com os sujeitos. Para Duque (2014), a definição de lugar pode ser tomada como uma dimensão de território ou como uma dimensão de cultura (ou linguagem).

Se a perspectiva imediata da compreensão da identidade assenta, mais uma vez, na referência a uma mesmidade de lugar – que define o sujeito como cidadão, fazendo assentar nisso a sua mesmidade e a mesmidade dos que partilham o mesmo lugar – a presença irrecusável da alteridade, também aqui, tem o primeiro efeito de desconstruir essa construção da mesmidade identitária. (Duque, 2014, p. 151).

Do ponto de vista de Duque (2014), as relações de acolhida dizem sobretudo respeito a relação de estrangeiro a estrangeiro, de secreto a secreto, e não de cidadão a cidadão, pois a ética fundamental da hospitalidade repousa na exposição do sujeito ao outro.

Entretanto, pode-se pensar também a prática da hospitalidade, assim como diversos estudos comprovam, no espaço onde ela se desenrola. As autoras Perazzolo e Santos (2012) dão relevo ao que chamam de Corpo Coletivo Acolhedor, onde os sujeitos locais tem sua prática da acolhida estruturada na triangulação de trocas ou serviços, conhecimento e cultura e organismo gestor público ou privado. “O traçado dessa triangulação delimita o espaço em que o fenômeno do acolhimento e as práticas de hospitalidade se organizam e se desenvolvem” (Perazzolo e Santos, 2012, p. 06).

Ao alertar sobre a necessidade de estudar com mais cuidado as “aproximações” que provocam atos de hospitalidade e de hostilidade para poder identificar melhor as dimensões temporais e espaciais e

as qualidades relacionais de identidade, comunidade e lugar que a caracterizam a hospitalidade, os autores Dikeç, Clark e Barnett (2009) revisitam a obra de Kant “À Paz Perpétua”, que evoca a razão para a manutenção da paz entre os Estados-Nação, no início da Modernidade. Os autores relembram que Kant propôs o direito à hospitalidade, entendido como aquele dos sujeitos em movimento serem recebidos sem hostilidade, que, de certa forma foi implementado nos chamados “salvo-condutos”, ao que atualmente dá-se o nome de passaporte.

Tal ideia trás a tona as questões de condicionalidade e de incondicionalidade na hospitalidade. A condicionalidade da hospitalidade está justamente ligada ao caráter objetivo de o que é necessário, imprescindível para garantir a acolhida normativa ou, formal do estrangeiro, como o já citado exemplo do passaporte.

Para Derrida, a hospitalidade “consiste em fazer de tudo para se dirigir ao outro, em lhe conceder, até mesmo perguntar seu nome, sempre evitando que essa pergunta se torne uma “condição”, uma inquisição policial, um fichamento ou um simples controle de fronteiras.” (Derrida, 2001a, p. 275, *cited in* Michaud, 2011, p. 1007).

Entretanto, a incondicionalidade da hospitalidade repousa no risco da exposição ao estrangeiro, ao Outro desconhecido, que irrompe o espaço do Eu, caracterizando a alteridade absoluta. (Duque, 2014). Esse Outro deve ser acolhido com receptividade, a partir da capacidade de uma pessoa perceber e ter como suas as necessidades do Outro. (Dikeç, Clark e Barnett, 2009).

Levinas (1980, p. 281) alega que o indivíduo está radicado na infinitude a partir do momento em que este permite a fecundidade do outro na própria interioridade, pautada na ética. A fecundidade, portanto, “abre um tempo infinito e descontínuo; [...] retira ao sujeito o último vestígio da fatalidade, permitindo-lhe ser outro”.

Frente o exposto, pode-se sintetizar as questões trazidas por Dikeç, Clark e Barnett (2009), à luz do paradigma da hospitalidade condicional proposto por Kant e revisitado do ponto de vista crítico da hospitalidade incondicional por Derrida e Levinas, na seguinte lógica: (i) a abertura ao Outro deve se dar de forma incondicional; (ii) o Outro complementa e reforça a identidade do Eu, a partir do que lhe é novo, diferente; (iii) a discussão da hospitalidade repousa sobre o estrangeiro sobretudo a partir da globalização muito provavelmente pelo fato de o Outro de outro país ter mais diferença em Relação ao Eu; por fim, (iv) ainda, entretanto, há que se considerar que a aceitação incondicional

seria posta em dúvida porque o Outro já foi identificado: alguém diferente do Eu.

A alocação acerca da hospitalidade tratada no presente estudo não dá conta de esgotá-la, mas aborda diferentes olhares sobre o tema e pretende, na sessão final, assim como foi feito sempre que possível ao longo do texto, relacioná-la aos conceitos de identidade e de território, com foco no fenômeno turístico.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de não ter sido explicitada na introdução do presente estudo, há uma aparente contradição entre a evidência empírica que o motivou e a argumentação pretendida. Os turistas internacionais avaliam a hospitalidade como a melhor experiência que eles têm no Brasil, entretanto, alguns itens que seriam intrínsecos ao território são avaliados de forma negativa, como os meios de acesso, rodovias, sinalização e aeroportos, estes últimos considerados o primeiro elo do turista com o território a ser desvelado. Além dos elementos indicados na pesquisa, sabe-se que limpeza, iluminação, segurança, entre outros elementos de infraestrutura urbana são pouco qualificados, principalmente quando comparados a países considerados desenvolvidos, centrais ou de primeiro mundo.

Entretanto, após o referencial teórico apresentado, a contradição é, de fato, apenas aparente. Ela não existe. O território é muito mais do que a parte fixa ou material. Há que se levar em conta os fluxos, a interação que os sujeitos têm entre eles e entre eles e o território, bem como a identidade do mesmo. Provavelmente estes elementos chamem muito mais a atenção do turista (ou estrangeiro) do que a infraestrutura que, mesmo precária, acaba por ser mais ou menos similar em diversos outros espaços.

Os turistas, estrangeiros e foragidos também fazem parte da construção da identidade de um ambiente urbano. A identidade pós-moderna não é formada somente pela cultura local. Hoje, o hibridismo cultural faz parte de todas as nações (Hall, 2003). A globalização influencia radicalmente nessa questão, o que às vezes atrapalha o reforço da identidade local. (Bauman, 2009).

O espaço social da hospitalidade é onde ocorre o encontro de estranhos (Bauman, 2001), tanto entre os estranhos da própria sociedade quanto os da sociedade com os estrangeiros e forasteiros. Para Grinover (2006, p. 29), a hospitalidade no ambiente urbano “não se reduz ao oferecimento de uma

“Restauração ou de um alojamento, mas à relação interpessoal estabelecida, que implica uma ligação social e valores de solidariedade e de sociabilidade”.

O ambiente urbano deve ser um território capaz de promover a socialização e de obter uma significação para os atores que dele usufruem. Grinover (2006, p.36) indica que houve uma perda do mundo urbano, no sentido da presença das segregações sócio-espaciais, e compara tal perda com a magia da cidade antiga, que seduz o morador e o visitante, “porque ela se oferece para ser vista. Ela objetiva a apresentação de si, além de qualquer funcionalidade, numa dimensão de renovação originária do ser e do parecer”.

Bauman (2001) utiliza a praça *La Défense*, localizada na parte ‘futurista’ de Paris, como exemplo para ilustrar o espaço que não possui comunicação com o lugar tampouco entre os seres que por ali passam. O sociólogo polonês argumenta que:

O que chama a atenção do visitante de La Défense é antes e acima de tudo falta de hospitalidade da praça: tudo o que se vê inspira respeito e ao mesmo tempo desencoraja a permanência. [...] Nada alivia ou interrompe o uniforme e monótono vazio da praça. Não há bancos para descansar, nem árvores sob cuja sombra esconder-se do sol escaldante (Bauman, 2001, p. 113).

O tema trazido à tona por Bauman (2001) no trecho acima relaciona a hospitalidade aos fixos do território, assim como Grinover (2006) entende que as cidades podem ser lugares de hospitalidade (ou de hostilidade). Infere-se então que a hospitalidade pode ser pensada desde o ponto de vista da relação entre os sujeitos e da relação entre os sujeitos e o território, em uma teia permeada pelos fios que formam a identidade de todos os elementos envolvidos nesta relação.

Observa-se poucos estudos relacionando o fenômeno turístico à hospitalidade, talvez pelo fato de áreas específicas diferenciadas darem conta (preferencialmente, mas não exclusivamente) dos temas: a economia do turismo e a filosofia da hospitalidade.

Pode-se aventar a hipótese de que a condicionalidade dada à entrada dos turistas em território estrangeiro diminua a curiosidade científica, ou porque a antropologia já visa dar conta dessa discussão no estudo entre os visitantes e os visitados. Como prontaponto a tais assertivas, poderse-ia argumentar que a mobilidade da contemporaneidade dificulta a identificação dos estrangeiros: Turista? Morador temporário? Imigrante? A identificação do outro torna-se mais complicada.

E qual seria o resultado de tal fenômeno? Maior abertura aos outros, ou o seu oposto? Compaixão ou aversão? Hospitalidade ou hostilidade? Há uma ética cosmopolita regendo tais encontros entre

estranhos? Será o turismo um fenômeno capaz de aproximar os sujeitos a partir dos encontros proporcionados ou o contrário?

Por fim, há mais questões a serem respondidas do que propriamente uma ideia formatada e finalizada, o que pressupõe que o campo da hospitalidade ainda deve ser cuidadosamente e arduamente desvelado.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Baptista, I. Lugares de Hospitalidade. **Hospitalidade, Reflexões e Perspectivas**. Moraes Dias (Org.). São Paulo: Editora Manole: 2002.

Baptista, I. Para uma geografia de proximidade humana. **Revista: Hospitalidade**. São Paulo. 2: 11-22, (2005).

Baker, G. Cosmopolitanism as Hospitality: Revisiting Identity and Difference in Cosmopolitanism. **Alternatives**. 34. 107–128, (2009).

Bauman, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: 2009.

Bauman, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: 2001.

Beni, M. **Análise Estrutural do Turismo**, São Paulo: Senac: 2006.

Boff, L. **Virtudes para um outro mundo possível**. Vol I: Hospitalidade, direito e dever de todos. Petrópolis: Vozes: 2005.

Bravo, F. G. Z. The Territorial Changes of Totonacapan Veracruzano, Mexico and their Heritage Cultural Based on the Touristic Activity as a Regional Development Strategy. **Cuadernos de Turismo**. Universidad de Murcia, n 34, 439-442, (2014).

Camargo, L. O. de L. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph: 2004

Camargo, L., O., de L. Os interstícios da hospitalidade. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. XII, n. especial, p. 42-69, (2015).

Campos, J. R. V. **Introdução ao universo da Hospitalidade**. Campinas, SP: Papyrus: 2005

Canclini, N. G. **Consumidores e Cidadãos – Conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ: 1997.

Castells, M. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. São Paulo: Editora Paz e Terra: 1999.

Crouch, D. Práticas e Resultados Turísticos. In Lew, A., Hall, M., Williams, A. **Compêndio de Turismo**. Portugal: Instituto Piaget: 2004.

Derrida, J. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade**. São Paulo: Escuta: 2003.

Dike, c, M.; Clark, N.; Barnett, C. Extending Hospitality: Giving Space, Taking Time. **Paragraph Special Issues**. 32 (1). Edinburgh: Edinburgh University Press. pp: 1–14, (2009).

Duque, J. M. Fragmentos para uma Filosofia da Hospitalidade. In Santos, M. M. C. Baptista. I. (orgs.) (2014). **Laços Sociais: por uma epistemologia da hospitalidade**. Caxias do Sul, RS: Educs, 149-160, (2011).

Featherstone, M. **O Desmanche da Cultura: Globalização, Pós-Modernismo e Identidade**. São Paulo: Studio Nobel: SESC: 1997.

Fratucci, A. Os Lugares Turísticos: Territórios do Fenômeno Turístico. **GEOgraphia** – Ano. II – No 4, (2000).

Fratucci, A. C. Turismo e território: relações e complexidades. **Caderno Virtual de Turismo**. Edição especial: Hospitalidade e políticas públicas em turismo. Rio de Janeiro, v. 14, supl.1, 87-96, (2014).

Gonçalves. J. L. A.; Souza, J. E. P. Hospitalidade: Experiências de dádiva que desenvolvem o self e renovam o laço social. In Santos. M. M. C. Baptista. I. (orgs.) (2014). **Laços Sociais: por uma epistemologia da hospitalidade**. Caxias do Sul, RS: Educs. pp. 161-178, (2014).

Gotman, A. Marcel Mauss: uma estação sagrada da vida social. In Montandon, A. **O livro da hospitalidade: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Editora Senac. São Paulo: 2011.

Grinover, L. “A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade.” **Revista Hospitalidade**. São Paulo. 2: 29-50, (2006).

Grinover, L. “Hospitalidade, qualidade de vida, cidadania, urbanidade: novas e velhas categorias para a compreensão da hospitalidade urbana.” **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**. Penedo. 3 (1): 16-24 , (2013).

- Hall, S. **A Identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora: 2005.
- Lashley, C. Para um entendimento teórico. In: Lashley, C.; Morrison, A. (orgs.). **Em busca da hospitalidade**: perspectivas para um mundo globalizado. Barueri, SP: Manole: 2004.
- Levinas, E. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70: 1980.
- Michaud, G. Jacques Derrida. Um pensamento do incondicional. In Montandon, A. **O livro da hospitalidade**: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Editora Senac. São Paulo: 2011.
- Mínguez, L. A. H. Territorial Heritage as a Touristic Asset in the «Raya» of Castilla y León Bordering Portugal. **Cuadernos de Turismo**, nº 36, 473-475, (2015).
- Moreau, Jo. Rhétorique, dialectique et exigence première, **Théorie de l'argumentation**, Logique et Analyse, nº 21 à 24, (1963).
- Perazzolo, O.A., & Santos, M.M.C. Hospitalidade numa perspectiva coletiva: o corpo coletivo acolhedor. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 6, n. 1, jan./abr., 3-15, (2012).
- Proserpio, R. **O avanço das redes internacionais hoteleiras no Brasil**. São Paulo: Aleph: 2007.
- Raffestin, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática: 1993.
- Santos, M.M.C. A metáfora laços sociais e a hospitalidade. In Santos, M. M. C. Baptista. I. (orgs.) (2014). **Laços Sociais**: por uma epistemologia da hospitalidade. Caxias do Sul, RS: Educs. pp: 13-17: 2014.
- Umbelino, J. Os valores do território no lazer e no turismo. In Costa, C.; Brandão F.; Costa, R.; Breda, Z. (coord.) **Turismo nos Países Lusófonos**, vol. II. Lisboa, Escolar Editora. Capítulo 13: 202-216, (2014).
- Urry, J. **The Tourist Gaze**. Londres: Sage: 2002.
- Valduga, M. C. **Desmitificando um modelo de desenvolvimento**: a formação da sociedade do turismo na periferia do capitalismo. Caxias do Sul. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade de Caxias do Sul: 2007. Disponível em:  
<https://repositorio.ucs.br/jspui/bitstream/11338/229/1/Dissertacao%20Manoela%20C%20Valduga.pdf>  
df Consultado em 20/02/2016.

Walmsley, J. **Abordagens comportamentais na investigação do turismo**. In Lew, A., Hall, M., Williams, A. *Compêndio de Turismo*. Portugal: Instituto Piaget. pp: 71-82, 2004.

Zhang, C. X.; Decosta, P. L.; McKercher, B. Politics and tourism promotion: Hong Kong's myth making. **Annals of Tourism Research**. Elsevier, Volume 54, 156–171, (2015).